



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16379 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

### DIFRAÇÕES DE PESQUISADORAS EM TORNO DE UMA EMPIRIA VIVA

Sulamita Inácio Freire - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Viviane Viana de Souza - COLÉGIO PEDRO II E UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

### DIFRAÇÕES DE PESQUISADORAS EM TORNO DE UMA EMPIRIA VIVA

Em texto publicado pela primeira vez em 1988 acerca de uma possível teoria da objetividade feminista parcial e responsável, Donna Haraway (2009b) persiste na metáfora da visão como potente chave para pensar pontos de vistas que não podem ser conhecidos de antemão e prometem algo de surpreendente. Ou melhor, prometem “conhecimento potente para a construção de mundos menos organizados por eixos de dominação” (Haraway, 2009b, p.24). Haraway faz isso por meio de uma aposta na singularidade e corporeidade de toda visão, em uma recusa a ideia de visão neutra e descolada do corpo. De tal modo, no horizonte de enquadramentos outros, quicá surpreendentes, para pesquisa e produção de conhecimento em currículo e educação, fazemos desta proposta de trabalho um ruminar difrativo de perturbações em torno das nossas aventuras rumo a uma aproximação pós-estrutural, pós-humanista e pós-qualitativa do fazer investigativo.

Assim, como pesquisadoras em educação que se fazem no pesquisar, colocamo-nos em risco ao pôr em risco a própria ideia de fazer pesquisa, entendendo-a como prática sempre incompleta, aberta e a movimentar. Isto sendo, antes de prosseguirmos, é urgente dizermos que as palavras que aqui se organizam desorganizadamente não devem ser tomadas como regras ou manual de nada. Antes, assumem, ou melhor, reverberam desejo. Desejo de pensar junto ao próprio movimento de pensar num convite aberto e insubordinado a quem nos lê a traí-las, rasurá-las e – por que não? – confrontá-las. Longe de buscar respostas últimas, esta

escrita acontece legitimamente como uma espécie de performance artística passível de ser repetida, mas que, ao se repetir, não se repete da mesma maneira. Incitando, com seu movimento, um engajamento criativo que abre espaço para pensar que as coisas podem ser e são sempre diferentes.

Uma possibilidade, acreditamos, que desafia e assume em si o esforço crítico e desconcertante necessário para enfrentar e desconstruir a herança formativa que nos constitui, um “trabalho indigesto” (Haraway, 2009a) que coloca em xeque um certo fazer pesquisa qualitativo humanista que predomina e tem força normativa em meio aos espaços educativos institucionais nos quais circulamos enquanto docentes e pesquisadoras da educação bem como em meio a sociedade. Predomina e normatiza, entendemos, por estar na margem de reconhecimento do senso comum do que significa fazer pesquisa científica ao reiterar determinados padrões como: delimitação de sujeito e objeto, tentativa de neutralidade na escrita, circunscrição e coleta de evidências que comprovem isso ou aquilo estabelecendo uma régua da verdade e objetificando o outro etc. Modos de pesquisar que se inscrevem nas discussões da Teoria Crítica, e que não abandonam a ideia de um sujeito que, mesmo questionado, mantém traços essenciais voltados à racionalidade e intencionalidade. Na educação, o sujeito intencional e autônomo aciona, tanto no papel de quem pesquisa, tanto no sujeito que é observado e descrito na cena educacional, uma espécie de desejo de salvação, operando numa lógica messiânica que acaba por sufocar a diferença.

Talvez seja importante dizer que tais afirmações não intentam declarar que a estrutura da metodologia qualitativa humanista é errada ou que deva ser esquecida. Mas, sim, que ela deve ser posta permanentemente sob suspeita, uma vez que seus princípios se fundamentam na “descrição iluminista e humanista do ser humano, da linguagem, do material, do empírico, do real, do conhecimento, do poder, da liberdade e assim por diante e, portanto, são incomensuráveis com as descrições de tais conceitos nos pós.” (ST. Pierre, 2018, p. 1048).

Incomensuráveis por entendermos, nos pós, como diz St. Pierre - e que, especificamente neste texto, delimitamos como pós-estruturalismo, pós-humanismo e pós-qualitativo -, que aquilo que pensamos, escrevemos, produzimos espaço-tempo-materializa o mundo podendo limitá-lo ou expandi-lo ao porvir, ao inesperado e ao inimaginável, e por isso a forma como o fazemos, importa. A metodologia qualitativa humanista tomada como método inquestionável acaba por discurso-materializar mundo de maneira limitada na assunção do humano como observador separado daquilo que investiga. Uma perspectiva que, ao se isentar de pensar a própria ideia de humano como signo-material-relacional e apostar na ideia de neutralidade da linguagem, deixa de lado tudo aquilo que foge a mesmidade e ignora a parcialidade intrínseca ao gesto investigativo, perpetrando violências ético-onto-epistemológicas. Isso não quer dizer que sentidos-materiais outros, inesperados, não aconteçam ou existam. Acontecem e existem sempre, pois a produção de sentidos-materiais é incontável, multidirecional e multitemporal. Entretanto, um olhar que olha procurando encontrar respostas certas, previsíveis, delimitáveis, certamente – se é que há alguma certeza – tem mais dificuldade de enxergar o borrado, aquilo que não cabe e a diferença como legítimos

uma vez que sequer permite-se imaginá-los.

E, por isso, insistimos na disponibilidade ao inimaginável na pesquisa como abertura para criar uma teorização outra, colocando ela mesma - a pesquisa - em risco, sob rasura, já que como provoca Spivak, “o que eu não consigo imaginar bloqueia tudo o que devo/posso fazer, pensar, viver.” (2009, p.35). Acionar uma visão borrada, que assume sua limitação por entender ser impossível capturar a realidade uma vez que ela sempre escapa, é insubordinar a pesquisa à visão colonizadora, masculina, branca que vem de lugar nenhum e que promete tudo ver. E, uma vez que “A visão é sempre uma questão do poder de ver - e talvez da violência implícita em nossas práticas de visualização” (Haraway, 2009b p.25), somente uma visão parcial, implicada, contingente e histórica pode ser responsabilizada, pode “construir e juntar-se à conversas racionais e imaginações fantásticas que mudam a história” (Haraway, 2009b, p.26).

Desse modo, no compromisso político e estético com o trabalho indigesto, apostamos pensar empiria em nossas pesquisas não como dado ou evidência de qualquer coisa, como algo estático pronto a ser analisado por nós como se pudéssemos observar ou analisar qualquer coisa de fora, mas sim como uma espécie de disparador vivo para outros possíveis inimagináveis e ainda porvir emaranhado e a emaranhar a qualquer ideia de pesquisa, de objeto ou mesmo de um suposto “eu”. Operar em um registro pós-humanista, em um “eu cognoscente” sempre inacabado e parcial, que vê junto e não pretende descrever ou ver pelo outro, como aposta na abertura imaginativa na pesquisa, que admite o imprevisível, e assim, mundifica futuros outros, menos injustos, violentos e excludentes para a educação.

Palavras-chave: Pesquisa; Currículo; Educação; Herança; Pós-humanismo.

#### REFERÊNCIAS:

HARAWAY, Donna. *Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Organização e tradução Tomaz Tadeu – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009a.

\_\_\_\_\_. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, v. 5, p. 7-41, 2009b. Disponível em: . Acesso em: 27 junho 2024.

ST PIERRE. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à “pós-investigação”. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 1044-1064, set./dez. 2018 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>. Acesso em: 02 ago 2024.

SPIVAK.G. C. *Outside in the teaching machine*. New York and London: Routledge, 2009.

\* O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do nível Superior – Brasil (CAPES). Código de Financiamento 001.